

HOMENS DE FORTUNA

Nadifa Mohamed

Tradução
Marina Vargas

TORDESILHAS

KOW

UM

Tiger Bay, fevereiro de 1952

— O rei está morto. Vida longa à rainha. — A voz do locutor crepita no rádio e flutua em torno dos clientes absortos da lanchonete de Berlin tão sinuosamente quanto a neblina, que serpenteia pelos melancólicos postes da rua, cuja luz pálida mal ilumina as ruas.

O barulho aumenta enquanto milk-shakes e refrigerantes tintam contra *Irish coffees*, e cadeiras são arrastadas pelo piso de ladrilhos pretos e brancos.

Berlin bate com uma colher no balcão e ruga com sua voz de domador de leões:

— Façam um brinde, senhoras e senhores, e se despeçam do nosso velho rei em sua viagem rumo às profundezas do oceano!

— Ele vai encontrar muitos dos nossos homens lá embaixo — responde o Velho Ismail. — É melhor começar a escrever os pedidos de desculpa no caminho.

— A-a-a-aposto que ele fe-fe-fez isso no l-l-leito de morte — diz um dos clientes, entre gargalhadas.

Em meio ao rock 'n' roll e ao ruído da máquina de café expresso, Berlin ouve alguém chamando o seu nome.

— *Maxa tiri?* — pergunta ele enquanto Mahmood Mattan abre caminho entre as pessoas até o balcão.

— Eu disse que quero outro café.

Berlin segura pela cintura a esposa, originária de Trinidad e Tobago, e a conduz em direção a Mahmood.

— Lou, sirva outro café para esse encenqueiro.

Junto ao balcão estão muitos dos marinheiros somalis de Tiger Bay; parecem uma mistura de gângsteres e dândis, com suas gravatas, relógios de bolso e chapéus de feltro. Apenas Mahmood usa um chapéu *homburg*, puxado para baixo sobre o rosto magro e os olhos tristes. Ele é um sujeito discreto, sempre aparecendo e desaparecendo silenciosamente, sem se misturar com os marinheiros, apostadores ou ladrões. Os homens recolhem seus pertences quando ele está por perto e ficam de olho em seus dedos longos e elegantes, e apenas Tahir Gass — que recentemente recebeu alta do hospital psiquiátrico de Whitchurch — se aproxima dele, buscando em vão uma amizade que Mahmood não lhe concede. Tahir está em um caminho que ninguém pode ou quer percorrer com ele, seus membros se contraindo em espasmos em reação aos choques elétricos invisíveis, as emoções transparecendo em seu rosto como uma tela de cinema.

— Independência a qualquer momento agora. — Ismail bebe um gole de sua caneca e sorri. — A Índia já foi, o que eles vão dizer ao resto?

Berlin olha para ele de modo insolente.

— Vão dizer que temos vocês na mão, crioulo! Somos donos das suas terras, dos seus trens, dos seus rios, das suas escolas e até da borra de café no fundo da sua xícara. Viu o que eles fizeram com os Mau-Mau e com todos os quicuios no Quênia? Prenderam todo mundo, adultos e crianças.

Mahmood pega o expresso entregue por Lou e abre um sorriso afetado ao ouvir o diálogo; ele não se interessa por política. Enquanto tenta endireitar as abotoaduras, uma gota de café escorre pela borda da xícara e cai em seu sapato engraxado e brilhante. Tirando um lenço do bolso da calça, ele limpa a gota

de café e dá uma polida para remover a mancha. Os sapatos são novos, de bico fino e negros como o carvão de Terra Nova, e são melhores do que os pares de qualquer um dos outros sujeitos ali. No seu bolso há três notas de £1, prontas para uma partida de pôquer. Ele economizou esse dinheiro deixando de almoçar e passando noites sem acender o fogo, enrolado nos cobertores como uma múmia. Inclinando-se sobre o balcão, ele cutuca Ismail.

— Billa Khan vem hoje à noite?

— Eu venho da selva? Quisera eu vir da selva! Eu disse a ele: olhe ao redor, *isto aqui* é a selva. Há arbustos e árvores por toda parte. No meu país não cresce nada. — Ismail termina sua piada e se vira para Mahmood. — Como vou saber? Pergunte a um dos seus amigos vigaristas.

Irritado, Mahmood bebe o café expresso de um gole só e pega a capa de chuva cáqui antes de atravessar a multidão e sair.

O ar frio golpeia seu rosto como uma pá, e apesar de se apressar em apertar o paletó junto ao corpo, a noite cortante de fevereiro o envolve e faz seus dentes baterem. Uma mancha cinzenta obscurece tudo que ele vê em resultado de uma lasca quente de carvão cuspidada de uma fornalha bem no seu olho direito. Uma dor tão violenta que fez com que se levantasse bruscamente e tombasse de costas sobre os restos de carvão que estavam esfriando atrás dele. O barulho estrondoso de pás e picaretas caindo no chão quando os outros foguistas foram socorrê-lo, as mãos dos seus colegas afastando seus dedos do rosto. Suas lágrimas haviam distorcido a fisionomia familiar desses homens, cujos olhos eram os únicos pontos brilhantes na escuridão, e o alarme de emergência soava enquanto as botas do engenheiro-chefe desciam a escada de aço a passos pesados. Depois, duas semanas em um hospital em Hamburgo com uma bandagem grossa enrolada na cabeça.

Essa mancha e a dor nas costas são os únicos vestígios físicos de sua vida no mar. Já faz quase três anos que ele não embarca

em um navio, trabalhando apenas em fundições e pequenas caldeiras em prisões e hospitais. O mar ainda o chama, no entanto, tão alto quanto as gaivotas abrindo caminho pelo céu acima dele, mas há Laura e os meninos para o ancorarem ali. Meninos que, apesar do sangue galês da mãe, parecem somalis, agarrados às suas pernas enquanto gritam “papai, papai, papai” e puxam sua cabeça para baixo, bagunçando seus cabelos penteados com pomada e dando-lhe beijos vigorosos que deixam suas bochechas cheirando a sorvete de frutas e leite.

As ruas estão silenciosas, exceto pela notícia da morte do rei que vem das muitas varandas baixas e varridas pelo vento pelas quais ele passa, cada rádio transmitindo de maneira dissonante, às vezes um segundo adiantados, às vezes um segundo atrasados. Ao passar pelas lojas da Bute Street, ele vê algumas luzes ainda acesas: na casa de penhores de Zussen, em que muitas de suas roupas estão penhoradas; na barbearia cipriota, em que corta o cabelo; e na Volacki's, em que costumava comprar os seus equipamentos de marinheiro, mas onde agora apenas furta um ou outro vestido para Laura de tempos em tempos. As janelas altas do Cory's Rest estão embaçadas, figuras com o formato de pessoas rindo e dançando atrás dos vitrais. Ele espia pela porta para ver se alguns de seus companheiros usuais estão lá, mas ao redor da mesa de sinuca há apenas rostos de pessoas das Índias Ocidentais que ele não reconhece. Um dia pertencera a esse exército de trabalhadores originários de todas as partes do mundo, recrutados para substituir os milhares de marinheiros que perderam a vida na guerra: descarregadores, conferentes de mercadoria, *kickers*, estivadores, operadores de guincho, homens de convés, controladores de qualidade, carregadores de sacas de grãos, carregadores de madeira, operadores de cordame, encarregados, vigias, assistentes de tonelagem, barqueiros, manobreiros, timoneiros, operadores de rebocador, operadores de navios

auxiliares, encarregados da água potável, ferreiros, funcionários administrativos, almoxarifes, medidores, pesadores, operadores de dragas, operadores de escavadeiras, operadores de barçaça, operadores de guindaste, carvoeiros e seu próprio batalhão, os foguistas.

Mahmood se afasta do esplendor do Cory's Rest, com seu pórtico e suas guirlandas, e segue em direção às docas, onde uma névoa vermelha tinge o céu limpo. Ele gosta de assistir ao espetáculo industrial à noite: a água suja do mar parecendo pegar fogo enquanto tonéis de detrito incandescente das fornalhas da Siderúrgica East Moors são vertidos na maré noturna. A ferrovia na faixa litorânea produzindo um ruído metálico e guinchando enquanto os vagões dispararam de um lado para o outro entre as chaminés de aço e o mar revoltado e fumegante. É uma visão assustadora e fascinante, que lhe tira o fôlego todas as vezes; ele quase espera que uma ilha ou um vulcão seja cuspidor com violência da água borbulhante e cíclica, raiada de combustível, mas ela sempre esfria, voltando a sua uniformidade morosa e sombria pela manhã.

A região portuária e o bairro adjacente de Butetown se estendem por apenas 1,6 quilômetro quadrado, mas, para ele e para seus vizinhos, são como uma metrópole. Erguidos sobre o pântano no século anterior, um aristocrata escocês construiu as docas e deu às ruas os nomes de seus parentes. Mahmood tinha ouvido um boato de que o primeiro cheque de £1 milhão do mundo fora assinado no prédio do Mercado de Carvão. Mesmo agora, homens de outro calibre, com chapéu-coco na cabeça, se dirigiam para lá de manhã, para trabalhar no escritório da Marinha Mercante ou na Alfândega. Tanto no Escritório da Marinha quanto no Sindicato dos Marinheiros, as pessoas sabiam qual porta usar se não quisessem ter problemas, e isso valia tanto para os trabalhadores brancos quanto para os negros. Fora do distrito financeiro, o bairro era de todos, cercados e espremidos pelos trilhos de trem e canais que os separavam

do resto de Cardiff. Um labirinto de pequenas pontes, eclusas de canais e linhas de bonde confundiam os recém-chegados; pouco antes de se mudar para lá, os marinheiros somalis costumavam levar o endereço de sua hospedaria em uma placa pendurada no pescoço para que os transeuntes pudessem ajudá-los a achar seu caminho. As crianças usavam os canais como um playground e, certa vez, quando duas delas desapareceram, Mahmood passara uma noite triste e insone procurando algum sinal delas nas águas lamacentas. Foram encontradas pela manhã – uma branca e uma negra, ambas afogadas. Seus meninos ainda são muito pequenos para andar por aí sozinhos, *alhamdulillah*. Um dia, quando forem mais velhos, ele lhes mostrará a cidade portuária, com a Igreja Norueguesa e o abatedouro *kosher*, os guindastes, os diques flutuantes e as chaminés expelindo fumaça, os tanques para armazenar madeira, as instalações de tratamento com creosoto e os currais, as três vias largas – Bute Street, James Street, Stuart Street –, entrecruzadas por fileiras de casas geminadas cada vez mais estreitas. As bandeiras e chaminés de frotas de navios de todo o mundo se aglomerando nas extremidades do cais e se espalhando pelas bacias das docas.

Mahmood planeja o futuro em silêncio, mas agora, vencido pelo frio congelante que penetra pelas frestas entre os botões de seu casaco, desiste da noite de pôquer e volta para casa, em Adamsdown, onde o verdadeiro fogo de sua vida queima.

Violet se deixa cair pesadamente na cadeira de madeira e espera que Diana ponha a mesa.

– Cadê a Gracie?

– Terminando o dever de casa extra. Ela vai descer em um minuto.

– Acho que ela está estudando demais, Di. O rostinho dela parece abatido.

— Não diga bobagens. Ela mal encosta a caneta no papel. Passou a maior parte da tarde experimentando meus sapatos de salto alto e ouvindo meus discos de jazz. Subi para mandar ela terminar logo, e o rosto dela estava coberto com meu pó iluminador da Max Factor. Ela acha que o destino dela é ir para Hollywood.

— A faxineira disse que, quando estava trocando a roupa de cama, encontrou uma foto do Ben vestido com o uniforme de piloto debaixo do travesseiro dela.

— Eu sei. — Seu sorriso congela e ela vira as costas para Violet. Violet aperta o antebraço de Diana.

— Seja forte, irmã. *Koyekh*.

— Desça de uma vez, Grace. Estamos esperando por você! — grita Diana escada acima, arrancando o avental e pendurando-o dobrado no encosto da cadeira. Os quilos que ganhou no feriado de Natal ainda são visíveis em seu corpo musculoso, e o vestido verde, de cintura justa, está apertado nas costas. Os cabelos pretos caem em cachos soltos sobre os ombros; precisam de um corte, mas Violet gosta do jeito que estão, pois dão à irmã uma aparência mediterrânea.

— Você é uma máquina de movimento perpétuo.

— Não por escolha, posso lhe garantir. A Maggie pediu ao Daniel que trouxesse o frango, já que eu tive muitos clientes hoje cedo. Todos queriam apostar dinheiro em um cavalo com algum tipo de associação ao rei: “Sua Majestade”, “Balmoral”, “Palácio de Buckingham”. Não sei se é uma forma de fazer uma última homenagem ou apenas superstição, mas nunca vi nada parecido.

— Eu vi um deles descontar o cheque de adiantamento comigo e, em seguida, ir apostar com você. Dinheiro na mão de um tolo...

— Ah, é o pobre do Tahir. Ele não está bem da cabeça. Um dos marinheiros me contou que ele foi “maltratado”, como dizem, por soldados italianos na África. Ele diz que é o rei da Somália e que matou milhares de homens na guerra.

— Em qual cavalo ele apostou?

— A Imperatriz da Índia — responde Diana, abrindo os lábios vermelhos para dar uma risada alta. — Acho que ele pensa que é a mulher dele.

— Santo Deus. Vou só lavar as mãos. — Violet sorri, olhando para a mesa posta: frango assado, picles de pepino, batatas cozidas, cenouras com cebola roxa e beterraba e uma pilha de pãesinhos macios chamados *bialys* cobertos de sementes de papoula.

Ela volta da pia e tira dos sapatos ortopédicos pretos os pés envoltos na meia-calça, alongando a coluna retorcida pela escoliose, que formava um quebra-cabeça com suas costelas e omoplatas. Sua pele é mais clara que a das irmãs, o rosto igual ao do pai, até os vincos profundos nas laterais da boca, uma pureza de freira tanto no vestido quanto no rosto rosado. Os cabelos ainda são escuros, mas há o prenúncio de uma mecha branca na linha triangular acima das sobrancelhas esparsas. Violet dá a impressão de alguém que sempre pareceu mais velha do que realmente era e agora atingiu o ponto de habitar um corpo sob medida para ela: uma modesta lojista de Cardiff.

— Ligue o rádio, Di, quero ouvir o resto das notícias. Imagine só a princesa Elizabeth, quer dizer, a *rainha* Elizabeth, pegando o avião de volta, sabendo que vai ter que abrir mão de sua vidinha tranqüila com o marido e os filhos para assumir o trono.

— Ninguém a está *obrigando* a fazer isso. Por mim, ela pode ficar no Quênia e declarar o fim da monarquia.

— Você não tem senso de dever. Como ela poderia fazer uma coisa dessas quando um país inteiro, um império inteiro, está esperando por ela?

— É típico de você dizer isso, a queridinha do papai. Você me faz rir, Violet. Papai lhe deixou essa loja, e você age como se ele tivesse lhe deixado o mundo inteiro. Posso imaginar seu rosto nos jornais hoje, fazendo uma promessa solene de governar o

número 203 da Bute Street, dando o melhor de si, com a ajuda do Deus Todo-Poderoso.

— Essa loja é a minha vida, e se eu a tivesse vendido em 1948, de que adiantaria? Uma viúva, uma solteirona e uma garotinha, mudando de casa e emprego como quem troca de roupa.

— Nós poderíamos ter ido para Londres ou Nova York.

— E começar tudo de novo? Não, Diana, você ainda é jovem o suficiente para se casar e ter mais filhos. Eu não.

— Isso não é verdade. Talvez não possa ter filhos, mas certamente poderia se casar.

— Será que devo começar a procurar entre os patifes e charlatões que só me querem por causa da minha loja?

— Tudo bem, tudo bem. Você é quem sabe. — Diana ergue as mãos em sinal de rendição e, em seguida, berra a plenos pulmões: — Grace! Desça agora mesmo!

— Estou indo!

— Então venha! Sua tia Violet está cansada, e a comida está esfriando.

Os passos são ouvidos pela escada em formato de caracol, e lá está ela – o centro do universo de ambas –, 1,5 metro de pura promessa e esperança.

Ela beija Diana e Violet na bochecha e, em seguida, desliza para sua cadeira. O rosto redondo e suave de Grace está mudando de formato aos poucos, com o maxilar quadrado de Ben se projetando e o nariz assumindo a elegante curva característica dos Volacki. *Dez verões, dez invernos sem ele*, pensa Diana, enquanto olha para o rosto sardento da filha.

— Conseguiu estudar para a prova, meu amor? — pergunta Violet, cortando o frango e colocando três fatias no prato de Grace.

Grace morde um grande naco de um *bialys* e abre um sorriso malicioso.

— Eu comecei, tia Violet, mas depois...

— Hum? — Diana revira os olhos. — Meu estojo de maquiagem pareceu mais interessante?

— Você não deveria ter deixado ele à vista, mamãe. Sabe como eu me distraio com facilidade.

— Você é muito atrevida, Gracie. — Violet ri.

O locutor do rádio é uma quarta presença à mesa; uma magnífica voz masculina vinda de Londres que soa como se estivesse vestindo fraque, gravata-borboleta branca e sapatos sociais comprados na Bond Street. O tilintar das facas e garfos se mistura à música do coro e ao toque dos sinos, do Big Ben a uma igreja medieval nos confins das Hébridas. Para além da sala de jantar, a terra está de luto, as estrelas congeladas no lugar, a lua envolta em escuridão.

— Leve esses pratos para a cozinha e vá se arrumar para dormir, Grace.

— Sim, mamãe. — Grace toma o último gole de seu tônico de framboesa e empilha o máximo de pratos que consegue nos braços, como viu as garçonetes fazerem na lanchonete da Betty.

— Um de cada vez. Você não consegue carregar tudo isso — diz Diana, pegando parte da pilha e seguindo-a até a cozinha.

Violet não vê a hora de se deitar na cama e dormir, mas ainda tem que anotar as vendas do dia, trancar a porta da frente — trincos na parte de cima e na parte de baixo, dois cadeados, uma fechadura Yale — e dos fundos antes de carregar a caixa de metal com o dinheiro até seu quarto. O peso dessas tarefas a deixa presa à cadeira, mas ela se obriga a levantar e caminha mecanicamente até a loja anexa à casa.

Mesmo àquela hora, a música martela ruidosamente na parede compartilhada com a casa vizinha, uma pensão maltesa — rock 'n' roll com o som de saxofones insinuantes e tambores

vigorosos —, e Diana soca o gesso pedindo silêncio. Uma explosão enquanto servia na Força Aérea Auxiliar Feminina durante a guerra a deixara um pouco surda de um dos ouvidos, mas os malteses colocavam sua música tão alto que poderiam acordar um defunto. Com a filha adormecida na cama, Diana veste a camisola e desliza sob a colcha de seda. Foi um presente de casamento de Violet, e, por algum motivo, um dos cantos ainda conserva o perfume da colônia de Ben. A noite sempre faz com que a presença dele turve sua ausência. Ela pega o diário do marido, que está debaixo do travesseiro, e segura o pequeno caderno azul com cuidado para que as páginas soltas não caiam. A luz do abajur faz as páginas parecerem translúcidas, fazendo com que sua caligrafia elegante e uniforme paire no ar como uma fileira de libélulas. Ela pisca duas vezes e aproxima o diário para que as palavras parem de se mover. As entradas não parecem mais as palavras de um homem morto. Em vez disso, a permitem acreditar que ele ainda está lá, no Egito, abrigando-se das tempestades de areia, perambulando pelos *souks* de Suez e Bardia em busca de lembranças para levar para casa antes dos ataques noturnos no bombardeiro Wellington com “seus rapazes” do Esquadrão 38. Antes da guerra, ela nunca havia reparado no belo escritor que ele era. Até mesmo seus dias vazios, os quais ele passava lendo qualquer livro que lhe caísse nas mãos, eram descritos de tal forma que ela podia sentir a languidez sufocante de sua tenda. A essa altura, as posições italianas desertas, repletas de caminhões, motocicletas, botas e binóculos abandonados, são tão familiares para ela quanto os parques de diversão, com atrações movidas a vapor, de sua infância. O brilho mercurial do Mediterrâneo iluminado pela Lua cheia mais memorável do que o túrgido mar da Irlanda.

* * *

Violet demora um momento para se dar conta de que som é esse. Ainda está dentro do pesadelo, sua mente tomada pelas imagens de mãos batendo nas janelas de uma sinagoga enquanto toda a estrutura branca é engolida pelas chamas, o céu noturno iluminado pelas luzes verde-azuladas da aurora boreal, os gritos de homens, mulheres e crianças se erguendo na direção dele sem serem ouvidos.

Um alarme.

Um alarme tocando.

Não para aqueles que estão morrendo dentro da *shul*, mas para ela, em sua própria casa. Com um sobressalto, Violet se senta na cama e segura a cabeça entre as mãos, o coração batendo mais alto do que o retinir metálico do alarme contra roubo. Ela enfia os pés nos chinelos, pega um castiçal de prata da penteadeira e acende todas as luzes. Ao ouvir passos no andar térreo, agarra a maçaneta com força e tem a sensação de que está prestes a desmaiar. *Seria mais fácil morrer ali em silêncio*, pensa ela, *do que enfrentar o que quer que esteja do outro lado*. Apoiando a testa contra a porta, ela fecha os olhos e gira lentamente a maçaneta.

— Está tudo bem, Violet. A janela está quebrada, mas não tem ninguém lá embaixo.

Diana está no topo da escada, com uma lanterna no bolso do casaco e um martelo em cada mão. Ao ver o rosto pálido da irmã, ela dá um passo na direção de Violet e a abraça.

— Não precisa ficar nervosa, mana. Está tudo bem. Quem quer que fosse, se acovardou.

Tremendo, Violet abraça Diana e tenta se recompor; não é apenas esse arrombamento, ou os anteriores, mas as cartas deixadas no capacho, contando sobre os parentes assassinados na Europa Oriental. Nomes que povoaram sua infância e dos quais pouco se lembra, pessoas que ela mal consegue identificar a partir de retratos em preto e branco da família e que agora assombram seus sonhos, se reunindo em torno de sua mesa de jantar e

pedindo mais comida, mais água, um lugar para descansar – por favor, por favor, por favor –, implorando a ela em polonês, *kuzyn, ocal mnie*, prima, me salve. Ela não se sente segura em lugar nenhum. É como se o mundo quisesse varrer a ela e a todos como ela, infiltrando-se pelas portas e janelas trancados para arrancar a vida de seus pulmões. Avram morto, Chaja morta, Shmuel morto. Na Lituânia, na Polônia, na Alemanha. Mais e mais nomes para acrescentar à placa memorial na sinagoga. Os fatos ainda parecem irrealis. Como todos eles podem estar mortos? As cartas de Volackis de Nova York e Londres se acumulam, mas fazem cada vez menos sentido – rumores sobre quem morreu e onde, quando e como, um fluxo incessante de notícias desoladoras com uma pequena menção feliz espremida no final: um nascimento em Stepney, uma formatura no Brooklyn.

– Qual foi a janela? – pergunta ela por fim.

– A pequena, nos fundos. De manhã ligamos para o Daniel e pedimos a ele para fechar tudo com tijolos. Coloquei umas caixas na frente por enquanto. Venha, durma com a Gracie. Eu vou ficar de olho nas coisas.

Acenando com a cabeça, obediente, Violet entra de mansinho no quarto da sobrinha e se deita na cama ao lado dela; abraçando o corpo adormecido da criança, sente-se ainda menor e mais vulnerável do que ela. Há um atlas no chão ao lado da cama; Violet o pega e começa a folheá-lo: o vermelho do Império Britânico tinge as páginas. Descobriu tantas coisas sobre o mundo recentemente, aprendeu nomes de lugares que soam fantásticos: Uzbequistão, Quirguistão, Manchúria. Os jovens homens e mulheres fortes que se esconderam nas florestas e sobreviveram a Hitler estão dispersos, fugindo, fugindo, fugindo da catástrofe, indo cada vez mais para o Leste, como se quisessem saltar da borda do mundo. Coube às mulheres solteiras, que não têm a desculpa de marido nem família, reunir essas crianças órfãs e desamparadas, essas crianças pelas

quais a comunidade é responsável, que não confiam em ninguém, mas aceitam o que quer que lhes seja oferecido. Ela envia dinheiro para esses parentes distantes e até mesmo para seus amigos indigentes por meio de bancos em Amsterdã, Frankfurt, Istambul, Xangai, sem nunca saber se as quantias enviadas chegam a eles a tempo, ou se recobrarão o juízo e retornarão à civilização, *se é* que ainda existe algo digno desse nome. Violet deixa o atlas cair de volta no chão. O ritmo das inspirações e expirações de Grace a acalma, mas não a ponto de fazê-la dormir; seus ouvidos estão concentrados no som de Diana varrendo o vidro no andar de baixo, seus pés marchando de um lado para o outro pelas tábuas do assoalho, destemidos e fortes, até que finalmente ela sobe as escadas junto com os primeiros pássaros que anunciam a chegada da manhã.

Daniel chega enquanto elas estão fazendo o desjejum, o medo da noite velado pelos aromas familiares de café e torradas. Violet cora quando ele se aproxima para pegar uma casca de pão do prato dela, sua voz grave e com sotaque estrangeiro causando-lhe um arrepio e seu corpo de urso ocupando toda a sala de jantar. Furtivamente, ela olha para seu rosto pálido de olhos grandes, perdidos em meio aos fios pretos da barba e o chapéu de astracã, migalhas presas no bigode. O perfume almiscarado da colônia emana de seu casaco de pele de carneiro úmido quando ele o tira e o pendura no corredor. Daniel pertence a Maggie, a irmã do meio, mas o desejo e a inveja foram aos poucos penetrando o coração de Violet. Seu corpo está tomado por um forte desejo sem precedentes, e Daniel é o objeto desse desejo, seu corpo alto e largo como um sepulcro para sua esperança de um dia ter filhos. Ele povoa seus devaneios: os lábios, as mãos, os mamilos rosados e luxuriosos como framboesas se destacando contra a pele branca como a neve. O fogo em seu ventre flamejando de súbito antes de a menopausa transferir o